

Editorial

Uma tecnologia não é apenas um robô. Mas também uma forma de fazer alguma coisa. Uma revista possui uma tecnologia. Toda uma disposição quase natural da circulação dos papéis. Por uma mudança de idéias, os afluentes se alteram. Assim como uma rotina se altera em virtude da temperatura da atmosfera. Começamos com certa dinâmica. Acordávamos em tal hora, tomávamos o café da manhã em outra. Ela foi se aperfeiçoando, de tal maneira que a rotina antiga, ora, ficou velha, no sentido de que não nos servia mais de tanto, então precisamos mudar para outra completamente diferente. Daí decidimos pelo bilinguismo. Sim, as tecnologias se alteram em virtude do idioma, mas não como quem passa a contar com um robô tradutor. Sabíamos que era ao mesmo tempo uma decisão ousada e original. Um completo novo horizonte para os nossos autores. Submissões também diretamente em inglês. Esta nova maneira de trabalhar nos trouxe a pretensão de estar cada vez mais em um outro mundo. Esta nova maneira de trabalhar nos fez conquistar novos e preciosos amigos. Ah, os tradutores.

Olha, não é que vivamos desafios de tradução próximos aos postulados pelos irmãos Campos, longe disso, mas, sem deixarmos de dizer o evidente, cada autor é um novo mundo. Por mais que a escrita científica tenda para certo padrão e abrandamento do estilo, ainda assim, cada pena é um universo a ser desvendado. Assim, levar ao inglês ou ao português, dependendo da língua em que foi submetido o original, demandando-nos uma pesquisa. Como verter de modo a conferir ao leitor do idioma em que o texto não foi originalmente escrito as inquietações intrínsecas ao escrever? Se pensar é também inventar a língua, como, então, no processo de tradução, não matar o pensamento? Pudemos nesta edição contar com três talentosos tradutores: Frank Hanson, Paula Velloso e Thiago Nasser. O primeiro nativo de língua inglesa que habita o Brasil há alguns anos e os outros dois nativos do português que estudaram em países de língua inglesa. O projeto que pretendemos não poderia ser levado à frente sem o belo trabalho que se propuseram a fazer conosco, pelo que os agradecemos.

Para isso não minimizamos o trabalho dos nossos revisores neste número: Hugo Arruda e Andressa Willach. A fluência da leitura dos artigos em português deve em muito ao trabalho desses dois atentos e detalhistas. Também devemos um muito obrigado a esses dois pelas horas que dedicaram ao artigos que tramitamos.

Neste número a secretaria da REP contou pela última vez com os trabalhos da heroína Bárbara Rossin. Além de talentosa antropóloga em formação, Bárbara se mostrou sempre disposta a nos dar idéias para tornar a revista melhor. Parte dos nossos vãos se devem também à força que ela deu às nossas asas. Recebemos agora a Ana Carolina Santos do Nascimento, sob os auspícios da esperança de uma bela jornada conosco.

Este número é aberto por uma entrevista feita pelo Cesar Kiraly e pelo Diego Viana com o intelectual americano Steven Shaviro. O entrevistado dispensa apresentações, tendo obras de incrível originalidade sobre Deleuze e Whitehead, mas também sobre cinema e crítica da cultura. A conversa se mantém em torno do livro publicado em 2011 de título *Post-Cinematic Affect*.

O primeiro artigo é de autoria do Dawisson Belém Lopes, do Departamento de Ciência Política da UFMG. No trabalho ele discute a relevância das políticas sociais no cenário da relação do Brasil com outros países em desenvolvimento. O segundo artigo é de autoria do Pierre Vercauteren, da Universidade Católica de Louvain, nele debate o processo de transição do consenso de Washington para o de Seul. No terceiro artigo migramos da política internacional para a teoria política, mais especificamente para a ontologia política, em investigação do Daniel Soares Mano sobre a emergência do vocabulário pictórico em oposição aos modelos substantivos em política. Ainda na teoria política, a Ester Vaisman, do Departamento de Filosofia da UFMG, e o Ronaldo Vielmi Fortes investigam a obra tardia do Lukács no que concerne ao tema do político. Leonardo Francisco Danner, da Universidade Federal de Rondônia, nos escreve sobre Habermas e a possibilidade de um reformismo radical. Saindo um pouco da teoria política e habitando o terreno do pensamento político brasileiro, temos Elisabete Leal, da Universidade Federal de Pelotas, que aborda o tema do florianismo no Brasil de 1891 a 1904. Por fim, temos a análise da Carolina Mercante sobre as centrais sindicais e o neocorporativismo.

4

Este número conta ainda com uma resenha do novo livro do Edmund Fawcett, *Liberalism: the life of an idea*, publicado em 2014 pela Princeton University Press, feita pelo Gabriel Romero Lyra Trigueiro.

Encerramos o nosso trabalho com a nossa já tradicional seção de arquivo. Entregamos aos nossos leitores o 'A República Federal' do Assis Brasil. Escrito em 1881 consiste em um importante documento para que possam ser traçados os elementos da construção da identidade republicana no Brasil e a recusa aos valores monárquicos. Além do documento, temos uma apresentação dos contextos biográfico e histórico, escrita pela Cristina Buarque de Hollanda.

Boa leitura!

Os Editores.